

Congá

Familiar e de terreiro



Umbanda
adérito simões

apostila

APOSTILA

WebAula

Canal  /umbandat7

Congá

AULAS DE UMBANDA

Sumário

Introdução.....	2
O que é um congá	3
Finalidades básicas superiores	4
Captação de fluídos divinos e energias espirituais.....	4
Distribuição energética	4
Emissão de fluídos divinos	4
Finalidades decorrentes.....	5
Atração vibratória	5
Armazenamento vibratório.....	5
Transformador vibratório	6
Elementos de composição.....	6
Congá, o reflexo de seu mestre construtor	7
Formatos	8
Congá familiar	11
Edificando um congá familiar	13
Aspectos gerais e conclusão.....	14

Introdução

Congá é uma palavra que, pelo dicionário banto online¹, é sinônimo de altar. Independente da origem ou do sentido original da palavra em sua língua materna, atualmente e dentro da religião de Umbanda, congá é tido como sinônimo de altar.

O dicionário Aurélio indica que altar é:

Mesa em que o sacerdote pagão sacrifica à divindade.

Mesa consagrada, geralmente com um retábulo, onde se celebra missa.

Mesa a que se sentam os dignitários maçônicos.

Religião, culto.

Objeto de amor e veneração; ara.

Gosto dos dicionários. É um dos únicos lugares em que as coisas possuem vários significados. Normalmente, lutamos entre si para ganhar na disputa do “eu estou certo”. Retornamos até o início dos tempos para trazer o sentido original puro do termo estudado. Remoemos a raiz dos vocábulos para encontrar o sentido que desejamos das coisas. No dicionário é diferente. Tudo tem muitos significados. Todos estes significados serão modificados e acrescentados ao longo dos tempos. Novas palavras serão aceitas e novas interpretações serão bem-vindas. Se fossemos como os dicionários são, seríamos mais sábios. Teríamos o olhar voltado para a vida e não rejeitaríamos nenhuma manifestação social, econômica, cultural, religiosa enfim, não rejeitaríamos nada. Olharíamos para o mundo como ele se apresenta em nossa frente e anotaríamos o que estas coisas representam para aquelas pessoas e para aqueles fatos. Diríamos assim:

O que é altar? Bom, os umbandistas chamam de altar um local em que colocam seus objetos litúrgicos mais sagrados. O chamam de congá na maioria dos casos. Em alguns, há imagens de santos católicos, em outros imagens de Orixás africanos, em alguns casos não há imagens. Podem conter pedras a que chamam de otá (pedra na língua ioruba), panos coloridos ou brancos, quartilhões e quartinhas, objetos e símbolos diversos que variam de acordo com a crença de cada dirigente que conduz aquela comunidade religiosa.

¹ <http://inzonkongombila.no.comunidades.net/bantu-dicionario-kibundu> . Não sei como se deu a pesquisa contida na fonte ou se houve interpretação forçada para apontar algo que seja do conhecimento comum de nossa língua. Procurei em outras fontes, que repetiam *ipsis literis* os termos uns dos outros não indicando a origem, referência ou autor.

Se fossemos como dicionários, poderíamos acolher todos os altares umbandistas sem se ofender e sem apontar o dedo. Sejam dicionários. Aceitemos que as coisas possuem significados diferentes em cada momento histórico e para cada grupo de pessoas. Sejam dicionários.

O que é um congá

Além de ser uma “mesa litúrgica”, local consagrado à celebração do culto, o congá de terreiro também é o norte religioso de um templo. É para esta direção que todos se voltam para baterem suas cabeças, abrirem suas giras, incorporarem suas entidades e para realizarem outros atos litúrgicos.

Congá familiar é a estrutura energética de sustentação de núcleo familiar. Não só dos que ali vivem, mas também dos que ali não estão, mas são parte integrante daquela família como, por exemplo, o filho que mora em outro país. Falaremos primeiro sobre o congá de terreiro e, logo adiante, sobre o congá familiar.

O congá de terreiro, é a estrutura energética de sustentação do templo, ou seja, é estrutura coletiva, estrutura que serve ao terreiro e a todos que compõem a sua egrégora. Corrente mediúnica, dirigente espiritual, Orixás, entidades e assistência são as partes formadoras desta egrégora. Por mais que pensemos na assistência como necessitados em busca de auxílio espiritual, estas pessoas são tão assíduas nos trabalhos mediúnicos quanto nós, os médiuns de corrente. Muitas vezes comparecem ao terreiro na mesma frequência que os filhos de santo, participam da abertura, entram no local de trabalho, passam por consulta ou passe e, em muitas casas, acompanham o fechamento.

Portanto, o congá é a estrutura energética de sustentação dos agentes envolvidos na composição ritualística de um terreiro de Umbanda. Não qualquer estrutura de sustentação, o congá, em um terreiro de Umbanda, é a principal. Está interligado a todos os demais pontos energéticos da casa. Congá, tronqueira, chão do terreiro, porteira, assentamentos e firmezas, seja da área de assistência (imagens, quadros, balaies de Obaluayê) ou não. Formam entre si um complexo energético semelhante aos chacras de nosso corpo. Todos estes pontos de captação e emissão de energia devem estar em harmonia para que o axé do terreiro (seu poder de realização) tenha capacidade de fluir.

O fluxo de energias surge do alto através da irradiação divina, atinge o congá e o congá distribui este fluido energético (axé) ao restante do terreiro. Sem congá não há circulação (captação e emissão) de energia.

Esta captação e emissão (fluxo energético – fluxo de axé) possui finalidades básicas e decorrentes.

Finalidades básicas superiores

Captação de fluídos divinos e energias espirituais

Função regular de extração de fluídos vindos do alto, vindos de Deus como já visto acima e captação de energia espirituais advinda das entidades chefes do terreiro que se utilizam do congá para tal finalidade. Onde estiverem estas entidades estarão ligadas à captação e emissão de energias do congá. O dirigente espiritual também possui influência neste trabalho de captação primária de energia, pois é ele o porta-voz, o procurador destes Orixás e entidades na contraparte material do terreiro. Sua harmonia e elevação energética são primordiais para a sustentação deste ecossistema fluídico. Por esta razão, é uma grande responsabilidade ter a chefia de um terreiro. Não só as entidades possuem o dever de cuidado, mas também o sacerdote. O sacerdote que autoriza filhos de santo a manejar o congá deve ter o cuidado em escolher os mais equilibrados, educados e fortalecidos em sua mediunidade.

Distribuição energética

Distribuição deste fluido divino ao restante do terreiro por meio das estruturas construídas para esta finalidade (firmezas da área de trabalho, firmezas da área da assistência, por exemplo). Rede energética do terreiro. Verdadeiros nadis e chacras do templo.

Emissão de fluídos divinos

Ao captar e distribuir, o congá, juntamente com as demais estruturas, transforma a irradiação divina em vibração energética capaz de ser absorvida pelos corpos espirituais dos médiuns e da assistência. Esta emissão de energia é dosada de acordo a necessidade e capacidade de cada pessoa ali presente afim de não causar acúmulo ou defasagem de energia. Podemos dizer, analogicamente,

que o congá é o transformador de corrente do terreiro. Capta as energias de alta tensão de Deus e as transforma em corrente elétrica compatível com a nossa capacidade e necessidade.



Figura 1- Transformador de corrente

Finalidades decorrentes

Atração vibratória

O congá atrai para si o fluxo de energias do terreiro. Se fizéssemos uma analogia com as forças dos planetas, diríamos que o congá possui grande massa e assim, gera campo gravitacional atraindo para si a energia que está próxima. Atrai as formas pensamento, atrai espíritos e energias que devem tomar o seu caminho de acordo com o seu merecimento (congá também é portal), atrai energias positivas e negativas.

Armazenamento vibratório

Função decorrente da captação e emissão energética do terreiro, o congá acumula as energias de sua atração vibratória para assim distribuí-las de acordo a necessidade do momento.

Transformador vibratório

O congá tem a capacidade de transformar nossos campos vibratórios para que se tornem equilibrados.

Elementos de composição

As imagens, os otás (pedras), as quartinhas, guias consagradas, pembas, flores, instrumentos de Orixás e entidades, coité (cuia), curiadores (bebidas), toalhas e todos os demais elementos que se relacionam com os Orixás e com as entidades que o dirigente espiritual necessita firmar em seu congá para sustentar os trabalhos do terreiro são elementos de composição de um congá.

A ideia central de um congá é levar o ponto de força da natureza para atuar no terreiro. Levamos um pedaço de cachoeira para entronar a Mãe Oxum em seu local de atuação. Pegamos uma parte de sua água de cachoeira colhida em ritual próprio para tal finalidade e colocamos em um quartilhão de armazenamento. Parte desta água do quartilhão utilizamos em copos, potes, bacias e outros objetos capazes de armazenar água em seu interior. Retiramos pedras para servir de otá ou utilizamos o quartzo rosa como pedra de fundamento para Oxum. Tudo depende de sua escola umbandista formadora. Pegamos as flores referentes à Oxum, as folhas que contém sua vibração ou que atuam em sua vibração. Recolhemos na praia a água do mar para compor o local de entronização de Iemanjá. O mesmo ritual e armazenamento é realizado. Retiramos conchas, areia, colocamos suas flores e suas folhas. O mesmo ocorre com todos os demais Orixás que desejamos entronizar junto ao nosso congá. Idem para as entidades.

Portanto, também faz parte do conceito de congá a extração de forças da natureza por meio de objetos e elementos que estão dispostos nos pontos de força de cada divindade a ser entronizada para assim, agir no conjunto energético estrutural a que chamamos de altar de terreiro ou congá. Pegamos a natureza e a levamos para dentro do terreiro.

Mesmo se o terreiro fosse localizado no próprio ponto de força da natureza, ainda assim construiríamos um congá. É o que ocorre em quase todas as sociedades antigas ou modernas. Dispomos de símbolos, sejam imagens, esculturas, objetos para nos localizar no mundo em que vivemos e direcionar nosso fluxo mental ao objetivo que pretendemos. Assim ocorre com os índios que,

mesmo já estando nas matas, edificam estruturas dentro das ocas para seu culto religioso. O mesmo se dá com os nativos europeus, africanos e assim por diante. A construção de altares de cunho religioso é matéria vastamente estudada por sociólogos e antropólogos. Para aprofundamento neste estudo sugiro o livro “O homem e seus símbolos” de Carl Jung.

Congá, o reflexo de seu mestre construtor

Geralmente, o congá é reflexo da coroa mediúnica do dirigente espiritual do terreiro. Deus é o dono da obra, os Orixás são os arquitetos, os guias espirituais são os fiscais de obra e o pedreiro que constrói o congá ou seu mestre de obras já que, na maioria das vezes, manda fazer com as medidas e o material exigido por seus superiores é o dirigente espiritual.

O congá conta a história de seu mestre construtor, o dirigente espiritual. Pode não estar claro a quem observa pela primeira vez, mas com o passar do tempo e ao conhecer melhor o dirigente, seremos capazes de ler no congá a sua história e reconhecer os caminhos que tomou em sua jornada espiritual até o presente momento.

Imagens de santos católicos, só quartinhas com otás, cristais e luzes coloridas, velas coloridas ou velas brancas, ausência de imagens, símbolos escritos ou ausência de símbolos. Estes objetos cuidadosamente colocados revelam as escolas religiosas por onde este construtor passou, bem como revela seu íntimo.

Um congá limpo revela um dirigente preocupado com a limpeza energética de seu terreiro mantendo o congá desobstruído e com fluidez. Um congá encardido revela a falta de cuidado com aquilo que lhe é sagrado ou sua incapacidade em priorizar aquilo que lhe é mais importante. Escolha é perda. Quando escolhemos perdemos aquilo que não se encontra dentro de nossas escolhas. Escolher não cuidar do congá é perdê-lo aos poucos para o acúmulo de pó e o entupimento fluídico de seu fluxo. Um congá bonito revela um dirigente devotado à beleza do culto. Beleza é questão relativa. Um congá com flores e folhas revela um dirigente conectado à força das matas. São muitas as leituras de um congá, mas todas revelam o íntimo de cada dirigente espiritual. Observem os congás e saibam que ali está o reflexo de seu mestre construtor.

Formatos

O congá pode ter muitos formatos. Pode ser uma mesa, podem ser prateleiras individuais para cada força entronada, pode ser uma prateleira para todos os poderes, podem ser prateleiras umas acima das outras, podem ser mesas mais prateleiras, enfim, podem ser de diversas formas, conforme as fotos relacionadas abaixo:



Figura 2 - Congá da Choupana do Caboclo Beira-mar



Figura 3 - Congá da FUGABC



Figura 4 - Antigo congá do Templo Sete Montanhas do Brasil em dia de homenagem à Nanã

Assim, podem formar triângulos, colunas, escadas e outras figuras geométricas que variam de acordo com o histórico e as escolas umbandistas a qual o dirigente já fez e ainda faz parte. Eu, por exemplo, já fui filho de santo de terreiro de Umbanda Popular, de terreiro de Umbanda Africanista e agora sou dirigente espiritual do Templo Sete Montanhas do Brasil e filho de santo do Núcleo Caboclo Flecha Certeira e Pai Manoel de Arruda, um terreiro de Umbanda Tradicional com hierarquia do Primado do Brasil e de Umbanda Sagrada. Todos estes terreiros moldaram minha visão e meu relacionamento com a estrutura de congá e assim, fui influenciado por todas no ato de sua construção.

Aliado a este fato, temos também a relevância de sua atuação junto à assistência como fonte de referência imagética (de imagens e seus significados). Vejam, ao ver Jesus Cristo com os braços abertos saberão que aquele templo prega as máximas cristãs, ao encontrar santos católicos terão ciência imediata da influência católica junto à ética ali presente. Não estou dizendo que é bom ou ruim. Isto não cabe julgar aqui. Estamos diante de um estudo direcionado e analisando o que acontece empiricamente. Estou expondo um fato que repercute no fluxo de imagens mentais e conceitos formadores de opinião da assistência para com o terreiro em seu primeiro contato. O assistido terá estes conceitos em sua mente diante destas imagens e desta composição de congá permanecendo confuso caso não encontre o reflexo desta simbologia junto a atuação dos integrantes daquele templo.

Do mesmo modo que as imagens católicas remetem aos conceitos cristãos, a ausência de imagens, a presença de imagens africanas, os símbolos e a composição do congá, de qualquer forma, causará efeito que trará imediatamente conceito formador de opinião sobre o que poderá ser encontrado ali naquele templo. A não conformidade do simbolismo com as práticas gera confusão nem que seja momentânea. Não digo que é bom ou ruim. É apenas a constatação de um fato. Não seria somente perante o terreiro. Em todos os lugares operamos da mesma forma. Se levarmos quem amamos a um restaurante com uma linda fachada, moderna e luxuosa e, ao entrar, encontrarmos cadeiras de um boteco de esquina com mesas de plástico ficaremos confusos. Talvez, daríamos alguns passos para trás para ter certeza se é o restaurante certo e se não entramos na porta errada por engano. Nossas expectativas, em qualquer momento da vida cotidiana ou sagrada, primeiro baseia-se naquilo que imaginamos encontrar por conta das aparências. Se este mesmo restaurante continuar lindo, moderno e luxuoso também por dentro, com seus garçons finamente vestidos, mas com linguagem e postura contrárias à estrutura teremos o mesmo efeito. Diremos que ali o atendimento não está à altura ou condizente com o serviço oferecido. No

terreiro acontece o mesmo. Devemos estar alinhados com aquilo que nosso terreiro reflete para que sempre saibamos quais são os nossos valores espirituais e, por mais diferentes que sejamos diante de nossos irmãos umbandistas ou de outras religiões, honraremos estes valores para que nos conduza corretamente na jornada espiritual de uma vida.

A construção de um congá é matéria relativa a um curso chamado de sacerdócio, que exige o prévio conhecimento dos assuntos relativos à teologia de Umbanda, já ter a mediunidade desenvolvida para que obviamente as entidades espirituais possam se fazer presentes e dialogar com seus pares e ministrante espiritual da turma de estudiosos, bem como já ter bagagem experiencial de terreiro para compreender o conteúdo ali presente. O aluno que não atende a estes requisitos fica impedido de aproveitar os conhecimentos trazidos e impedido de evoluir nas discussões, bem como não alcança o que sua trama de espíritos e seu enredo de Orixás deseja comunicar para o seu progresso de vida. Esta é somente minha opinião. Respeito todos os demais colegas que pensam o contrário e exijo o respeito às minhas convicções.

Congá familiar

Geralmente substituímos o termo congá familiar para altar particular ou altar caseiro a fim de gerar a ideia de um local simples de culto dentro de casa. Chamar uma mesa de cadeira e uma cadeira de mesa não nos traz a possibilidade de sentarmos na mesa e comermos na cadeira. Os nomes não mudam as coisas. Chamar uma maçã de abacaxi não aumentará a acidez da maçã. Contudo, o nome não altera o estado da coisa, mas altera o nosso posicionamento em relação a esta mesma coisa.

O congá familiar é uma estrutura de sustentação energética familiar, como o próprio nome diz. O congá de terreiro é estrutura de sustentação energética de terreiro, ou seja, de corrente mediúnica e de trabalhos junto à uma corrente mediúnica.

Dizemos familiar porque nenhuma estrutura sagrada dentro de nossos lares é exclusiva de alguém. Um núcleo familiar, mesmo com todos os problemas ideológicos existentes, é uma forte união de pessoas. O mentor de um médium é um ser de alta luz e acompanha a jornada espiritual desta pessoa. Para que isto ocorra, a família é componente importante. Não estou me referindo a laços de sangue e sim, de laços familiares. Aqui estão incluídos os filhos que moram no

exterior (não há barreiras de espaço para os espíritos), os filhos de outros relacionamentos, os filhos adotivos, os filhos consanguíneos, as madrastas, os padrastos. A lista é variável de acordo com a unidade familiar. Esta estrutura de sustentação energética, mesmo que edificada e mantida por um único membro, atua sobre todos. O inverso também acontece. Vejamos.

Os desequilíbrios de um lar também desequilibram a energia dos congás familiares. Isto é fato que encontramos no dia-a-dia. Do mesmo modo, o desequilíbrio da corrente mediúnica afeta o equilíbrio do congá. Se assim não ocorresse, não precisaríamos realizar a manutenção e sustenta-lo constantemente. É fato corriqueiro em nossos terreiros recebermos mensagens de nossos mentores espirituais para acendermos velas, colocarmos flores, folhas e outros elementos ou procedimentos para a solução de algum problema como, por exemplo, acalmar os ânimos e apagar fogueiras repentinas advindas de energias contrárias ao bom andamento de uma casa de luz. Médiuns, dirigentes ou não, seus congás (familiar ou de terreiro) merece atenção constante por meio da comunicação mediúnica que se dá por diversas formas, a intuição, a visão, a audição, a incorporação, a irradiação dentre outros processos já conhecidos por nós.

Diante do exposto, é melhor ter ou não ter? Esta resposta merece sua análise pessoal e subjetiva. Olhar para dentro de si e verificar se existe responsabilidade mediúnica e compromisso com a obra espiritual de Deus é o principal argumento para responder esta pergunta, já que o congá familiar não lhe fará mais forte para incorporar espíritos. Não está no congá familiar a solução definitiva para os males do mundo. Tudo o que uma pessoa precisa para alcançar a plenitude de sua manifestação espiritual já nasce com esta própria pessoa. Por esta razão, nascemos em um núcleo familiar. Temos estas pessoas como amparadoras de nossa caminhada e as assemelhamos à Deus e suas divindades, pois denominamos estes de Pai Criador, pais e mães Orixás. Damos tamanho valor a estas figuras que desejamos que Deus e suas criações sejam seu reflexo. Isto molda nosso caráter e define nossa postura diante do sagrado. Devo ou não edificar um congá em minha casa? Só você poderá decidir.

Prós: todos os benefícios que um congá de terreiro pode oferecer. Estrutura energética de sustento, amparo, manutenção e harmonização espiritual.

Contras: Manutenção e atenção diária, custo de material e vigília de conduta moral e ética para com o sagrado a fim de manter a estabilidade de energia.

Pese seus prós e seus contras dentro de seu cotidiano e decida por si só. É desnecessário dizer que será preciso autorização do Guia Chefe e também do dirigente espiritual (são duas pessoas diferentes) do templo que frequenta.

Edificando um congá familiar

Um congá familiar possui os mesmos princípios de construção e estruturação energética de um congá de terreiro, porém, mais simplificado. Tratando-se de uma ação direta a um grupo pequeno de pessoas ou até mesmo um único médium, devemos ter em mente que as imagens, as quartinhas e os elementos são em menor quantidade e tamanho por uma questão de uso, de espaço, de dinâmica de cuidados e do bom senso.

Extraí-se da natureza os elementos necessários para a constituição daquele espaço em especial e os colocamos harmoniosamente em uma mesa de canto, prateleira ou qualquer outro local que seja compatível com o culto daquilo que lhe é sagrado. Para extrair os elementos ou consagrá-los no ponto de força:

1. Dirija-se ao ponto de força respectivo daquela imagem e/ou elementos que deseja colocar em seu congá familiar;
2. Oferende os Exus Guardiões daquele ponto de força nem que seja com uma única vela ou com uma reza solicitando passagem e trabalho mediúnico;
3. Dirija-se ao ponto específico em que irá colocar sua oferenda consagratória, por exemplo, nas matas para Oxossi levar frutas, folhas, velas, alimentos e bebidas de Oxossi;
4. Coloque os elementos a serem consagrados em seu centro;
5. Arranje a oferenda em símbolo geométrico como, por exemplo, um círculo;
6. Prepare o local de forma ritualística do mesmo modo que aprendeu ou como sua escola de Umbanda determina. No geral, abre-se com uma cruz, eleva-se o pensamento e pede-se aquilo que deseja obter;
7. Recolha o material extraído e/ou consagrado, de preferência (não é regra), em um pano branco ou na cor do Orixá e/ou entidade a que se consagrou;
8. Feche o portal;
9. Retire-se do local;
10. Só retire o material de dentro do tecido no momento em que for coloca-los no congá.

Está muito complicado? Leve estes objetos (imagens e afins) para uma entidade incorporada cruzar e coloque em seu congá familiar. Teremos o mesmo efeito prático. Esta dica não vale para os elementos do congá de terreiro a não ser que o Guia Chefe assim indicou a fazer.

Aspectos gerais e conclusão

1. Aquilo que se aplica a um congá familiar aplica-se ao congá de terreiro e vice-versa;
2. Congá familiar é estrutura de sustentação energética de unidade familiar;
3. Congá de terreiro é estrutura de sustentação energética de unidade de terreiro, de corrente mediúnica e de seus trabalhos;
4. Congá, em linhas gerais, representa o íntimo daquele que o edificou;
5. Congá é mais do que representação e menos do que idolatria. Não cultuamos as imagens. Deus e suas divindades não estão ali. Podem quebrar todo o meu congá que Deus ainda estará em seu devido lugar e os Orixás, idem;
6. Congá não é condomínio de entidades cada um com seu andar e unidade tendo como síndico Oxalá;
7. Toda e qualquer pessoa pode ter um congá familiar. Para isto, basta que Olorum fale mais alto em seu coração. Caso contrário, estará edificando um altar de adoração de imagens e não de Deus. Não me importo com o que a Bíblia diz sobre isso. Quem adora livros idolatra folhas de papel e não Deus. Eu não idolatro nem livros, nem imagens, nem palavras, nem pessoas. Amo as pessoas e adoro Deus. Leio a palavra e tomo minhas notas como faço com diversos outros livros considerados sagrados;
8. Não adoro meus familiares, mas se você pegar uma foto de meus pais e rasgala tomarei o exemplo de Jesus Cristo com os mercadores do tempo e sairei gritando e xingando. Se é para seguir Jesus, que seja em todos os sentidos e em todos os seus atos;
9. Respeito opiniões contrárias. Exijo respeito às minhas.

Adérito Simões

Dirigente Espiritual do Templo Sete Montanhas do Brasil.